

Editorial

O Haiti é o mundo

por Jorge Nóvoa

Antes mesmo que Simon Bolívar pudesse dar uma configuração imaginária a seu projeto de liberação da América Latina do jugo colonial um processo de independência já se achava em curso numa das ilhas do Caribe (denominada de São Domingos) que terminará dando nascimento a dois países que efetivamente se configuram com a independência: Haiti e São Domingos. Haiti era a parte da ilha colonizada pelos franceses. Uma vez derrotado militarmente pelo povo do Haiti (particularmente os negros ex-escravos) e por seus líderes revolucionários, Toussaint Louverture (foi o principal deles, cujo nome de nascimento era François-Dominique Toussaint, descendente de família nobre ou mesmo de uma família real africana, era letrado, conhecia medicina das plantas e foi grande cavaleiro), Jean Jacques Dessalines (escravo e carpinteiro) e Henri Christophe (negro trabalhador e camareiro de hotel), o colonialismo francês exigiu do Haiti uma reparação equivalente nos dias de hoje a aproximadamente US\$ 20 bilhões. O efeito dominó desta pesadíssima condição imposta não pode ser desconsiderado vez que essa “dívida da independência” foi quitada apenas em 1947. Se nominalmente e juridicamente a partir de então a história seria outra, de modo efetivo as consequências subsistiram até hoje.

Mas as causas do pouco desenvolvimento econômico do Haiti não são apenas econômicas, nem a dívida externa foi a maior das causas. São mais remotas e se encontram no processo revolucionário de libertação do povo do Haiti que se inicia ainda no século XVIII e foi “concluído” no início do século XIX. Sem dúvida que a história poderia ter se passado de outra forma, mas um dos fatores que pesaram contra a Revolução Haitiana – e que pesaria em outras revoluções no século XIX e XX – foi o seu isolamento inevitável e a impossibilidade de abstrair o mercado mundial. Efetivamente o Haiti foi o primeiro país da América Latina a conquistar sua independência política tendo sido o primeiro das Américas a abolir a escravidão (ainda no século XVIII, em 1792) e a fundar uma república. Isso ocorreria no Brasil apenas em 1888 e em 1889 quando uma conjunção de fatores dominados pela nova divisão internacional do trabalho comandada pela Inglaterra – com a burguesia brasileira associada subordinadamente a esse processo, fez toda a diferença.

Quando em 1801 Toussaint aprova a primeira constituição unificada para toda a ilha, a independência achava-se a um passo. Napoleão mandou mais de 50 mil homens sob a direção do General Carlos Leclerc, seu cunhado, cujo plano estratégico não era apenas restaurar a dominação francesa sob o conjunto da ilha, mas estendê-la ao conjunto das ilhas do Caribe. Na verdade há uma década o processo complexo de luta pela independência já havia começado e duas posições fundamentais aparecem alimentadas pelas disputas internas entre, negros, mulatos, brancos e os diversos setores sociais nos quais essas colorações “raciais” aparecem: uma aceitando uma “independência” que mantinha o controle externo do comércio pela França e uma mais radical defendida por Toussaint prognosticando total controle sob o comércio internacional. A invasão do exército de Napoleão propõe a restauração da escravidão provocando assim uma reação violenta dos africanos e afro-

haitianos. Uma fraqueza aparece no caldeirão desse processo: a revolução popular haitiana não consegue imprimir uma política clara com relação à propriedade da terra e sua repartição com participação efetiva dos negros. Toussaint, antes de ser feito prisioneiro em 1802 já se acha prisioneiro dessa contradição: liderou uma revolução de forças sociais e popular, sendo obrigado a programar medidas de restauração de uma economia camponesa de subsistência para um mercado capitalista, interna e externamente, sem que ele pudesse controlar nada do mercado externo. Dessalines assume a luta pela liberação e proclama a independência em 1804. Durante seu governo, tentou restabelecer uma economia de plantações mediante um sistema de trabalho forçado. Por sua vez foi traído e assassinado em 1806. Seus lugar-tenentes, Alexandre Pétion e Henri Christophe terminam dividindo a ilha nos dois países que conhecemos hoje.

Será Pétion que em 1815 ajudará Simon Bolívar. Perseguido pelos agentes da colonização espanhola Bolívar se exilou no Haiti. Os negros protegeram-no, ajudaram-no materialmente com dinheiro, armas e até meios para imprimir um jornal. Armaram-no para que continuasse seu combate pela independência latino-americana. Mais tarde, contudo, o gesto haitiano não obteve a mesma reciprocidade: Bolívar não convidou o Haiti para participar junto com outros países latino-americanos à Conferência de 1826. De fato Bolívar não reconheceu a independência haitiana no “Conselho das Nações” que se reuniu então no Panamá. Ausência de forças ao seu lado para proceder de outro modo? Na verdade, o caráter social da revolução haitiana nunca foi o mesmo daquele projetado por Bolívar para a americana latina. Esta deveria permanecer segundo Bolívar, nos quadros de uma independência reconhecendo na estrutura mundial o papel político e econômico do capitalismo, mantendo inclusive o escravismo. Certamente Bolívar não conseguiu perceber que qualquer aliança ou compromisso com outras nações dominantes reproduziria – excetuando a relativa soberania política - o mesmo esquema anterior à independência e que a exclusão do Haiti enfraqueceria a todos que desejavam emancipar-se do colonialismo. A Bolívia, o Equador, os países da América Central, do Caribe, e o resto da América Latina também, demonstram isso hoje com muita clareza. Este é o caso da Colômbia que, como a Argentina, comemora 200 anos da independência. Todavia, por que não conseguem efetivamente e com verdadeira soberania, estruturar um Mercado Comum do “terceiro mundo” ou mesmo dos países ditos emergentes, ou, pelo menos, da América Latina?

O Haiti (e os demais países da América Latina) realiza, pois, percursos desenvolvimentistas desiguais, mas guardando muito de suas essências, pois estruturalmente não havia como ser de outro modo. O caráter subordinado das burguesias latino-americanas - que na melhor das hipóteses conseguiam se associar ao capital dominante na divisão internacional produtiva e mercantil do mundo de então, limitava seus projetos emancipatórios a uma soberania jurídica e, portanto, ao reconhecimento relativo de seus estados, coisa que de fato, não ocorreu em alguns casos até hoje. É verdade também que no caso do Haiti o projeto de Louverture “concorria” com o de Bolívar e daqueles das burguesias compradoras que se desenvolveram na América espanhola e no Brasil. A radicalidade do programa haitiano, não obstante com suas contradições, era a expressão também de uma totalidade étnico-social e não apenas econômico e jurídico-político.

Impossível emancipar, de modo efetivo, a negros e a mulatos escravos sem emancipá-los socialmente, economicamente e politicamente. É verdade que aí existiu certo descompasso entre o movimento social objetivo radicalizado naturalmente e o grau de consciência de social alcançada pela massa da população e por seus líderes, consciência esta que permaneceu longe de uma homogeneidade. A população negra e mulata era 10 vezes mais numerosa que a população branca e as metrópoles souberam jogar os negros contra os brancos do Haiti **o que terminou redundando no massacre de 8 mil pessoas brancas que não eram racistas**. Estas eram depositárias de um *savoir-faire* que faltou à população negra oriunda como escrava recentemente da África e tal tragédia se acha no caldeirão de interesses contraditórios que envolvem a França, a Inglaterra, a Espanha e os EUA. A França, que havia ajudado decisivamente a fundação dos EUA, se voltará contra a independência da colônia mais rica que possuía e que constituía a mais promissora de toda a América Latina. Dois terços de sua riqueza econômica provinham do Haiti. E a reação dos seus generais e dirigentes políticos à derrota infligida ao maior conjunto de forças armadas que se havia organizado até então foi rancorosamente intransigente. **Seu colonialismo violento mostra bem o quão relativa foi a assunção na metrópole francesa das palavras de ordem *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* pelo regime pós-monárquico absolutista**. O General Léclerc exigiu a cabeça do General Negro Louverture, partidário que era de uma soberania definitiva.

Foi na esteira da Revolução Francesa que os negros do Haiti resolveram entrar em ação. Mas na metrópole a burguesia liberal francesa e seus dirigentes mais ou menos renovados, mas mais ou menos herdeiros do *ancien regime*, já se haviam demarcado muito bem do povo-povo da revolução. A burguesia deixou para trás seu estatuto estamental e assumiu rapidamente sua natureza de classe possuidora dos meios de produção distinta do resto do terceiro estado que deveria servir nos exércitos da força de trabalho. Foi assim que a fundação da República Negra do Haiti cavou um fosso insuperável entre a antiga colônia e a metrópole, aumentando seu isolamento internacional, que acentuou seu atraso e agravou suas limitações estruturais herdadas historicamente, após uma das mais heróicas lutas pela emancipação de um povo em todos os tempos e espaços. O Haiti que era o maior produtor de açúcar de então, o era também de pimenta, de tabaco, índigo e café, e especiarias outras que alimentavam a economia francesa. Livres da escravidão nas plantações de cana e nos engenhos de açúcar, os negros do Haiti não conseguiram se manter como “senhores” do mercado mundial do açúcar, nem das outras especiarias. **A revolução passou a viver numa contradição porque seu destino não podia depender apenas das suas forças sociais internas, mas seu desenvolvimento limitado a confinava ao espaço nacional**. Se internamente existiam problemas, os boicotes internacionais foram inevitáveis e nenhuma diplomacia conseguiu mantê-los como proprietários de um país que havia sido a colônia mais produtiva das Américas, mas que havia arrebatado os grilhões do colonialismo e derrotado o exército mais importante do mundo naquele momento, ajudado pela Espanha, e Inglaterra.

A independência “levou” assim esse mesmo povo à pobreza e a isolar-se involuntariamente do intercâmbio econômico internacional. Uma “casta” de pequenos produtores agrícolas de subsistências passou a alimentar o fluxo dessa economia que se

tornou modesta. Os EUA, pelo oportunismo dos interesses de seus políticos desde o século XIX, passaram a lutar contra a emancipação e a revolução haitiana. Em 1915 invadem o Haiti o que dá lugar uma resistência interna que tem sido subestimada por cientistas sociais e pelos políticos, vez que os massacres e os revides perpetrados só são interrompidos em 1934 com um arremedo de solução negociada. Depois ao longo do século XX veio o cortejo de ditaduras corruptas. Hoje o Haiti é o país mais pobre das Américas enquanto os Estados Unidos - que realizaram sua independência mais cedo, fato que teve consequências fundamentais para a derrubada da monarquia absolutista francesa em 1789 – se tornaram no mais poderoso Estado nacional do mundo. O que pode explicar tal dissonância e desigualdade? Observando o desenvolvimento histórico de diversos espaços que se tornaram estados-nacionais durante a modernidade capitalista é possível perceber que as nações pioneiras nesse processo (Portugal, Espanha,...) foram sendo suplantadas por outras concorrentes (Países-Baixos, Inglaterra, EUA). Sem dúvida a modernidade capitalista unificou os espaços do planeta e o fez segundo a intervenção de múltiplos fatores, dos mais estruturais (as leis da acumulação do capital de cada período), aos aspectos políticos, culturais, mas também àqueles que dizem respeito às opções individuais dos homens públicos e àqueles relativos à ação da plebe rude, o verdadeiro povo do antigo **terceiro estado** e das repúblicas como a que se buscou no Haiti. Assim, se não existe fatalidade nesse processo histórico, existem necessidades e possibilidades que se conjugam, se negam em continuidades e rupturas que tornam os processos sociais de cada conjuntura numa complexidade quase impossível de ser totalmente apreendida.

Esse processo tortuoso, desigual e específico não impediu e não impede ainda hoje a partir do terremoto de 12 de janeiro que muitos comparem a situação do Haiti com a da República Dominicana. Por que a República Dominicana é um esplendor de “progresso”? Não querer lembrar que São Domingos virou uma espécie de balneário de turistas portadores de dólares ou, mais recentemente, de euros também, é de uma cegueira voluntária. A crueldade das comparações entre o Haiti e o Japão tornou-se revoltante e absurda. Os noticiários de rádios e TVs do mundo realizaram a repetição inconsciente de uma visão ideológica que franceses, ingleses, estadunidenses, mas também brasileiros, tiveram sobre os haitianos. No Brasil do século passado, como lembra Galeano, qualquer desordem social era chamada de haitianada. A substância desse “inconsciente” - que sequer foi recalcada, haja vista o conteúdo do preconceito racial no Brasil e nos EUA que substancialmente é um preconceito sócio-econômico, dizia que **se tratava de um povo amaldiçoado por haver triunfado em 1804 sobre o exército de Napoleão**. Mas a derrota se tornou maldita pelo exemplo radical de tornar-se o primeiro país na América Latina a implantar uma república social. Mesmo se o projeto não foi conscientemente socialista – e sim anti-colonialista e republicano popular, a contradição “natural” na qual se achava imersa só conseguiria uma consequência essencialmente distinta se socializasse os meios de produção com os ex-escravos; e isto, num período no qual o capitalismo internacional não havia assumido ainda todas as suas definições estruturais e, no qual a industrialização – carro-chefe da acumulação de capital dessa fase - se concentrava na Inglaterra, sobretudo. As independências da Colômbia e dos outros países da América Latina, buscaram - por razões

intrínsecas à natureza de suas classes dirigentes – distintas daquelas dos negros e mestiços haitianos, um caminho que foi supostamente mais inteligente, quando, de fato, foi o único caminho possível no quadro dos interesses de classe dos senhores desses espaços.

O último terremoto que o Haiti sofre encontra assim, todo esse precedente! O mundo inteiro agitou-se e por várias semanas o Haiti ocupou a primeira página dos jornais. Seis meses após a terrível devastação do país com mais de 300 mil mortos e quase 2 milhões de desabrigados, a situação dos sobreviventes permanece sem grandes modificações, não obstante tenham ocorrido inúmeras campanhas internacionais para coletar fundos em dinheiro e em material indispensável para ajudar o país a se levantar. Qual a razão de tal lentidão? Onde foram parar os 98% dos fundos levantados por cadeias de televisão, rádios internacionais, shows de artistas e prometidos por governos e organismos internacionais? Por que e como apenas 2% dos referidos recursos chegaram ao povo haitiano? Os haitianos também se perguntam, cansados de esperar em acampamentos (são mais de **1350 campos para 1 milhão e 800 mil refugiados**) cada vez mais com medo das agressões epidêmicas e climáticas, calor, frio e chuva. Toneladas de dejetos e cheiro acre ainda são encontráveis nas ruas de Porto Príncipe, por exemplo, e no resto do país que já era carente de saneamento básico, de grandes hospitais e de escavadeiras e tratores. Existem cidades que tiveram mais 90% de suas construções destruídas o que permite um cálculo estimado de no mínimo 10 a 15 anos para que sejam alcançadas as condições anteriores ao último janeiro negro. Entretanto, chuvas e furacões estão por vir, sem falar da possibilidade de novos terremotos. Quem de boa fé não imaginaria que um terremoto com a amplitude do que foi vivido pelo Haiti se transformaria numa grande tragédia? Se tecnologia não existe para impedir terremotos, furacões, tsunamis, etc., existe, pelo menos, para prevenir às populações do planeta. Os noticiários informam ainda hoje que o povo japonês (e seu estado) é altamente competente para garantir uma capacidade tecnológica e uma educação capaz de adaptar seu povo a tais condições. Perplexos muitos se perguntaram por que o povo haitiano, não teria a mesma preparação, se a conquista dessa tecnologia e disciplina adaptativa é, por excelência, e, em última análise, a melhor forma de prevenir tal fenômeno geológico.

O estigma das cadeias internacionais de rádio e televisão e de suas reportagens é de um cinismo e de uma ignorância à toda prova. Repetem incansavelmente que o haitiano é um povo pobre, mal nutrido, sem educação e sem saúde. Fórmulas prontas do gênero “trata-se de um povo mal predestinado” é mais que lugar comum. No século XIX se falava da maldição de um povo que tinha um pacto com o diabo. Essa idéia será repetida de formas diversas ao longo do século XX. Porém, o impressionante é que um dia após o terremoto um reverendo estadunidense mais que conservador – o Pat Robertson - um extremista de direita, repetiu o mesmo estigma. Muita gente quis imediatamente se intrometer na situação do Haiti. Hillary Clinton disse, em nome do governo dos EUA, que o seu país veio para ficar no Haiti. Os planos de reconstrução dividiram a opinião pública mundial, para além dos próprios haitianos. Muitos defendem que a ajuda que lhes chegam às mãos deve ser gerenciada por eles mesmos. O Governo – experimentando mais uma vez, e em outras circunstâncias, as contradições entre as pressões internas e externas - preferiu associar-se,

como elo mais franco e dar maioria decisória aos representantes das comissões estrangeiras. A Comissão dirigida por Bill Clinton, por exemplo, e o primeiro ministro haitiano Jean-Max Bellerive, vem sendo criticada exatamente por isso e por seu comportamento mais que lento. Action Aid, organização que atua no Haiti qualificou os integrantes da referida Comissão de “falidos”, necessitando ela um re-planejamento urgente. O diretor de Action Aid, Jean-Claude Fignolé, afirmou que a Comissão especial que dirige a reconstrução do país reflete os desejos dos países dominantes, mais que aos dos próprios nativos. As denúncias começam a crescer: a Disaster Accountability Project descobriu que das 197 organizações que coletaram dinheiro vivo de crédulos cidadãos do mundo, logo depois do terremoto, somente 6 colocaram a disposição informes públicos que detalham suas atividades e a aplicação do dinheiro.

Coisas mais profundas parecem estar em jogo. O Presidente Obama procura enfatizar o caráter de ajuda humanitária com a colaboração de Clinton e Bush. Mas se acha em curso um verdadeiro **projeto de re-colonização** “federalizada” sob a dominação dos EUA. Nela o Brasil e outros países da América Latina entrariam como sócios menores. Não se trata apenas de uma questão de geopolítica. É um equívoco se considerar que o Haiti é um país sem recursos naturais. Quando se considera que 90% das exportações haitianas antes do terremoto iam aos EUA, têm-se outra dimensão pouco conhecida. Fala-se mesmo sobre a existência de petróleo. Os negócios com o Haiti interessam aos capitalistas do planeta e **não por acaso Clinton destacou as vantagens da mão de obra haitiana que é mais barata que a chinesa**. Bernard Kouchner propôs uma Declaração de Intenções pela instalação conjunta de um banco de leite no Haiti, mas desde 2007 existe uma **Declaração Conjunta** firmada pelos presidentes Lula e Bush, sobre a necessidade de se realizar “esforços conjuntos” na produção de etanol em “outros países”, a começar pelo Haiti, pela República Dominicana e por El Salvador, dentre outros. Já em julho de 2009 se realizou em Washington a IV Reunião do Fórum Brasil-Estados Unidos dos Altos Dirigentes Empresariais e os brasileiros foram acompanhados por Dilma Rousseff e pelo ministro da Indústria e do Comércio Exterior, Miguel Jorge, que tiveram reuniões prévias com homólogos da Casa Branca além daquele do Conselho de Segurança nacional, general James Jones. Os acordos previam a aceitação de têxteis produzidos no Haiti com investimentos brasileiros que se estendem também à área da construções de edifícios através de empresas do porte da Odebrecht, Andrade Gutiérrez e Camargo Corrêa e de contratos bilionários. Programando sua ação no Caribe em setembro de 2009, o ministro de Relaciones Exteriores do Brasil, Celso Amorim, propôs ao governo haitiano os preparativos para uma cúpula Brasil-CARICOM.

A crise geológica do Haiti só fez aprofundar a afirmação militar estrangeira também em São Domingos. São varios os países latino-americanos, mas participação maior é para o Brasil. Nesse processo os cursos de formação também terminam virando negócios coordenados pelos EUA que desde o terremoto controlam o espaço aéreo e marítimo do Haiti e de São Domingos. O Brasil quer mais espaço para sua participação também militar, concorridas pela participação da Colômbia e Panamá com suas bases militares que fazem a ponte aérea para o Haiti e São Domingos. A influência militar se estende à forças policiais desses países cuja soberania se acha assim diminuída. Pela lei do mais forte e pela necessidade de deixar uma burguesia e uma pequena burguesia nesses países para que se

encarreguem de administrar os problemas locais, um processo desapropriação de terras está programada. As visadas - sob argumento de interesses público, não são aquelas que conformam as elites e as classes dominantes e sim aquelas utilizadas comunitariamente pelos camponeses desde a revolução social. Contudo, o Haiti jamais teve latifúndios depois da revolução de 1804.

Enfim o que ocorre com o Haiti e com seu povo é o mesmo que ocorre com os pobres de todas as regiões do mundo, da América Latina e do Brasil. No quadro desse desenvolvimento desigual e do percurso particular que conseguiu realizar, talvez o Brasil, como consequência de suas dimensões geográficas, assim como a centralidade alcançada pela crise energética mundial (e a descoberta do pré-sal em águas profundas brasileiras) permita uma variação importante que possa colocá-la junto com a Índia e a China na construção de uma contrabalança da dominação construída no pós II Guerra Mundial, mas sem, contudo, mudar o caráter interdependente de sua economia nacional e de sua subordinação ao grande capital financeiro internacional.

Campanhas enormes são feitas para ajudar os povos dessas regiões e boa parte – senão a maior parte dos recursos arrecadados, jamais chega ao seu destino. Ao menos um saldo subjetivo positivo transparece de modo significativo: a solidariedade efetiva com os necessitados. Tal comportamento adquire uma persistência na história dos povos sob o capitalismo que **não permite que a concorrência entre eles domine de modo absoluto**. O movimento internacional que se realizou solidarizando-se com o povo haitiano, foi e é real. Recentemente o premiado ator de Hollywood Sean Penn que praticamente se mudou para o Haiti desabafou sua revolta e frustração, comparando os recursos que gastam os Estados Unidos na guerra do Afeganistão com aqueles prometidos como ajuda ao Haiti. Considera tal operação de guerra absurda e sua atitude, que não ocorreu isoladamente, obriga-nos a perguntar o que leva um considerável número de pessoas que poderiam se esquecer do mundo e de seus problemas a correrem riscos diversos para se solidarizar com gente desconhecida? Trata-se de um traço persistente na história que transcende aquela do capitalismo. Esta persistência, a persistência dessa subjetividade e desse sentimento, a concorrência capitalista não conseguiu destruir, mesmo se os dominantes são obrigados a usá-la para seus fins também, manipulando a credulidade da maioria do povo e não só no caso do Haiti. Realmente – e não obstante de modo contrário ao que Caetano Veloso prognosticou - **se existe algo fora da ordem é a solidariedade entre os povos**, entre as pessoas. A solidariedade é também um ato que, ainda que inconscientemente, se baseia de fato, na socialização das necessidades e carências materiais e existenciais comuns às pessoas, cada vez mais de modo planetário. Pão, terra, trabalho, habitação, saúde, lazer, qualidade de vida e de meio ambiente são necessidades contrárias ao lucro, no Haiti e no resto do mundo. Por conseguinte é também um grande equívoco pensar que o povo haitiano não tem nada a nos oferecer. O destino deste povo se liga ao daquele do Caribe e ao do resto da América Latina. E como o destino do planeta se encontra ligado de modo indissolúvel ao destino da América Latina, o que se passa no Haiti e de interesse do mundo.